

# Sobre o conceito de comunidade na obra de Maria Gabriela Llansol

Marilaine Lopes Silva

Resumo:

Por meio dos conceitos de "comunidade" elaborados por Georges Bataille e Maurice Blanchot, esse ensaio pretende analisar os possíveis significados do mesmo termo na obra da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol.

Palavras-chave: Maria Gabriela Llansol, Maurice Blanchot, comunidade.

Desejando sempre, no íntimo, manter-me estranha e estrangeira (afasto sempre a horizontal homogeneização dos grupos), descubro que esta realidade de grupo finalmente criou uma constituição interna e um sentido – é espontaneamente original: não somos uma comunidade, somos uma sucessão, uma ordem. Eu sou o que se sucede àquele, aquele é o que vem antes de mim. Estamos ligados por uma coerência, não por uma identidade. (LLANSOL 1999, p. 92)

Observa-se, em certas passagens da obra de Maria Gabriela Llansol, a retomada do termo "comunidade". Tal retorno se dá no contexto de um trabalho com a escrita que se faz, como afirma João Barrento, no espaço de uma "utopia estética e política, estético-política" (2005, p. 18). A preocupação da autora com esse conceito coincide, na contemporaneidade, com sua emergência na reflexão de diferentes pensadores. A persistência das reflexões sobre os contornos possíveis para o conceito de "comunidade" ganha estímulo, segundo Peter Pál Pelbart, a partir da percepção da perda de um comum que garantia ao laço social certa consistência. No entanto, o mesmo autor observa, a partir de Jean-Luc Nancy, que a idéia de um comum que se perdeu parece algo intrínseco ao próprio conceito de comunidade, como algo que acompanha o pensamento sobre ela.

A constituição da sociedade implicaria a perda da comunidade, aqui entendida como uma espécie de vínculo e de compartilhamento de uma identidade. Mas, para Nancy, algo se insinua no fato de a percepção dessa perda se dar como algo retrospectivo, como aponta Pelbart: "A cada momento de sua história ele [o Ocidente] se entrega a uma nostalgia de uma comunidade perdida, desaparecida, arcaica, deplorando a perda de uma familiaridade, de uma fraternidade, de uma convivialidade" (PELBART, 2003, p. 32).

Dessa forma, a suposta perda dos laços de comunhão e pertinência revela-se como constituinte da comunidade. A identidade como fator homogeneizador, que seria a base da idéia de comunidade, e que pressupõe morte e exclusão do que foge à regra, dá lugar ao conceito de que, ao contrário, ela só é possível a partir de um “[...] compartilhamento de uma separação dada pela singularidade” (PELBART, 2003, p. 33) e, nesse sentido, ela se opõe à sociedade, uma vez que o movimento desta caminha para a totalização.

Em um diálogo peculiar com Georges Bataille (e com a escrita de Marguerite Duras, em um segundo momento), Maurice Blanchot também se lança à discussão do tema em seu *La communauté inavouable*. Inicialmente, o autor analisa as implicações da relação entre comunidade e comunismo. Tendo como princípio a imanência do sujeito, o comunismo implica certa idéia de comunidade da qual a diferença é excluída, onde a única relação possível é a do “Mesmo com o Mesmo” (“Même avec le Même”).

Se a comunidade é isto – relacionamento do mesmo com o mesmo –, portadora de todos os erros e perigos dos quais toda forma de totalitarismo é capaz, como nomear a relação que se abre à entrada do outro? Segundo o autor, ao se chamar de “comunidade” essa nova relação, é preciso se perguntar então o que está em questão no pensamento sobre ela.

Essa relação parece se assentar não na idéia de um todo que restituiria às partes que lhe compõem uma totalidade, uma integridade como forma de apaziguamento das falhas e fissuras do sujeito. Ao contrário disso, o que engendra a necessidade de comunidade é o que, segundo Blanchot, Bataille define como “princípio de incompletude” (“principe d’incomplétude”), falta que não busca o outro como complemento de uma falha constituinte do sujeito, mas como algo que com esse se choca, dando-lhe um sentido pela oposição, pelo desafio que representa e não pela certeza de uma integridade:

O ser não busca ser reconhecido, mas ser contestado: ele vai, para existir, em direção ao outro, que o contesta e, às vezes, o nega, a fim de que ele comece a ser somente nessa privação, que o torna consciente (está aí a origem da sua consciência) da impossibilidade de ser ele mesmo, de insistir como *ipse* ou, se o queremos, como indivíduo separado: assim, talvez, ele existirá, provando-se como exterioridade sempre anterior, ou como existência totalmente manifesta, compondo-se apenas como se decompondo constante, violenta e silenciosamente.

Assim, a existência de cada ser apela ao outro ou a uma pluralidade de outros [...]. Ele chama, a isso, uma comunidade: comunidade finita, pois ela tem, por sua vez, seu princípio na finitude dos seres que a compõem e que não suportariam que esta (a comunidade) esquecesse de levar a um mais alto grau de tensão a finitude que os constitui. (BLANCHOT, 1983, p. 16-17; tradução nossa).

Segundo Blanchot, a comunidade assim entendida ainda encerra o perigo de fusão, cujos exemplos históricos revelam a tendência à morte ou à entrega a um líder que representa para o grupo sua própria consciência e liberdade. Assim, a comunidade pensada dessa forma parece encontrar-se em um caminho que resvala no cerceamento da liberdade individual, representado pelo totalitarismo, e na morte, representada pela idéia de fusão.

Entretanto, na proximidade daquele que morre se revela uma outra comunidade – inútil (“désœuvré”) – por não constituir parte da sociedade, não tender à fusão comunal e não ter nenhum valor de produção. Uma comunidade que não serve para nada, a não ser se fazer presente diante da morte do outro, pois essa morte – a do outro – é o “fora de mim” (“hors de moi”) que me abre a uma comunidade. Idéia difícil de acompanhar em Blanchot e que está presente também em Lévinas: o momento da morte do outro como o que me desvela o próximo como alteridade, ao mesmo tempo em que lança sobre mim, me aproximando dele, a responsabilidade de não deixá-lo só nesse momento que é também o meu:

Mas este em-face do rosto na sua expressão – na sua mortalidade – me convoca, me suplica, me reclama: como se a morte invisível que o rosto de outrem enfrenta – pura alteridade, separada, de algum modo, de todo conjunto – fosse “meu negócio”. Como se, ignorada de outrem que já, na nudez de seu rosto, concerne, ela “me dissesse respeito” (“me regardait”) antes de sua confrontação comigo, antes de ser a morte que me desfigura a mim-mesmo. A morte do outro homem me concerne e me questiona como se eu me tornasse, por minha eventual indiferença, o cúmplice desta morte invisível ao outro que aí se expõe; e como se, antes de ser eu mesmo votado a ele, tivesse que responder por esta morte do outro e não deixar outrem só, em sua solidão mortal. É precisamente neste chamamento de minha responsabilidade pelo rosto que me convoca, me suplica e me reclama, é neste questionamento que outrem é próximo. (LÉVINAS, 2004, p. 194)

A comunidade se mostra como algo fora do mercado, por não ter valor de produção, e como algo que escapa à sociedade e a ameaça. Também não pode ser vista como comunhão ou proximidade dada pela semelhança, já que ela – ao se constituir em uma (falsa) integridade a proporcionar às partes incompletas que lhe formam a completude que lhes falta – desemboca nos perigos do totalitarismo e da fusão comunal. E, ao ter a morte como um momento que a torna, de certo modo, possível, a comunidade parece surgir como algo proporcionado pela descontinuidade e pela distância: descontinuidade dada pela paradoxal proximidade daquele que, ao morrer, se afasta, ao mesmo tempo em que sua alteridade me lança para esse comum que é a morte, mas que me é estranha, fora de mim, exterior. Idéias difíceis de serem percorridas e alinhavadas, o que se pode concluir delas, a princípio, é que talvez só seja possível falar o que a comunidade não é. Entretanto, ao mostrar essa negativa, a própria idéia de comunidade vacila. O que fica, sobretudo, parece ser a insistência do desejo de compartilhamento.

Nesse sentido, a escritura surge como uma das possibilidades que parece abrir-se à comunidade (ao menos, a uma idéia específica de comunidade) ao surgir da necessidade de partilha daquilo que, ao acontecer ao sujeito, lhe escapa:

É, também, neste sentido que o mais pessoal não podia se conservar como um segredo próprio a um único, já que ele rompia os limites da pessoa e exigia ser partilhado, melhor, se afirmava como a própria partilha. Essa partilha remete à comunidade, ela se expõe na comunidade, se teoriza nela, é o seu risco, tornando-se uma verdade ou um objeto que se poderia deter enquanto a comunidade, como diz Jean-Luc Nancy, só se mantém como o lugar – o não-lugar – onde não há nada a deter, segredo de não ter nenhum segredo, trabalhando somente na inação que atravessa a própria

escrita ou que, em toda troca pública ou privada de fala, faz reter o silêncio final em que, no entanto, nunca está certo de que tudo, enfim, termina. Sem fim, ali onde reina a finitude. (BLANCHOT, 1983, p. 37-38; tradução nossa).

Essa comunidade parece ter no texto a guarda do desejo de encontro, sua potência e sua falha: potência intrínseca, já que o texto é "abertura ao fora e abertura ao outro", e falha porque tal movimento engendra uma "violenta dessimetria entre eu e o outro". Falha como espaço causado pela disjunção desses que o texto reúne sem agrupar:

"Estas notas me ligam como um fio de Ariane aos meus semelhantes e o resto me parece vão. Eu não poderia, entretanto, fazer nenhum dos meus amigos lê-las." [Bataille, citado por Blanchot] Pois, então, leitura pessoal por amigos pessoais. De onde o anonimato do livro que não se dirige a ninguém e que, pelas relações com o desconhecido, instaura o que Georges Bataille (pelo menos uma vez) chamará de "a comunidade negativa: a comunidade daqueles que não têm comunidade". (BLANCHOT, 1983, p. 45; tradução nossa).

Essa "comunidade daqueles que não têm comunidade" delimitada por Bataille, toca, em algum ponto, o projeto de escrita de Llansol: "Trabalhar a dura matéria, move a língua; viver quase a sós atrai, pouco a pouco, os absolutamente sós" (LLANSOL, 1994, p. 53). Nesse trecho vê-se a escrita como ponto de encontro (que não é o mesmo que agrupamento ou concentração) de seres singulares, que não se alienam ante possíveis pontos de comunhão. Nesse "absolutamente sós" de Llansol é possível ouvir o "aqueles que não têm comunidade" de Bataille. Tal perspectiva não traz na palavra "negativa" ou "só" a falha como fracasso, mas como distância necessária.

É preciso então investigar como isso se dá na escrita de Llansol. Seguir a linhagem que seu texto revela nos leva a pensar na possibilidade de delimitar um conceito de comunidade interior ao projeto dessa escrita e consoante com certos aspectos de sua obra (como a constituição de um universo textual próprio através do desvendamento do conceito de textualidade, tendo como pressuposto certo tratamento em relação à história e a conceitos caros da literatura, como os de personagem e metáfora).

As figuras que formam a linhagem do texto llansoliano se reúnem numa estranha diversidade de intensidades e interesses (percebe-se, em seu texto, a emergência de figuras de diferentes tradições e modos de vida). Entre essas figuras não há homogeneidade, não são semelhantes, ao mesmo tempo em que também não há hierarquia, divisões, segmentos. Nesse sentido, de maneira ligeira (um tanto simplista, ainda), não há comunidade. Mas, quando surge de maneira afirmativa, qual sentido habita o sopro trazido por esse termo?

E, o mais curioso, é que me encontro face a um texto que não pressentira – porque não me dera conta de quando queriam encontrar-se, enfim, os membros – visíveis e invisíveis – dessa comunidade. (LLANSOL, 1994, p. 46)

Espero o Augusto e, para não me aborrecer, brinco com as palavras. Só a princípio porque depois penso que a comida, que eu como lentamente, me transforma. Mas sinto-me como alguém que viaja em país estrangeiro, por não me sentir, de modo algum, ligada a uma nação. Na Bélgica, sinto-me menos em terra alheia talvez porque está explícito que nenhum laço de origem política me liga a este país. Sem país em parte alguma, salva no

vazio em que me dei a uma comum idade. Comum idade real por imaginária, e imaginária por verdadeira. A escrita, os animais, fazem parte dessa orla, e são tais seres excluídos pelos homens, que eu recebo.

Trabalhar a dura matéria, move a língua; viver quase a sós atrai, pouco a pouco, os absolutamente sós. (LLANSOL, 1987, p. 53)

Nesses dois trechos, a idéia de comunidade vem relacionada à idéia de encontro e de algo anterior a ele. Essa anterioridade parece se configurar como uma dispersão, que não é desencontro, mas uma qualidade de solidão contrária ao conceito de "concordância, conformidade, identidade". Na geografia desse texto, não é a identidade que delimita os espaços dos encontros: "só o escravo pergunta quem é, o homem livre segue quem o chama" (LLANSOL, 1995). O que move os corpos é indicado por Llansol: "O cerne de todas estas imagens são, de facto, os afectos" (LLANSOL, 1995). Talvez na importância dos afetos na configuração desse espaço resida, portanto, a possibilidade de compreender que sentido de comunidade o texto engendra.

Embora se possa ouvir, no termo "afeto" empregado por Llansol, ressonâncias espinosistas (o que não é surpresa, visto que Espinosa é uma de suas figuras), ela lhe confere ainda outras nuances. Para Llansol, o afeto compreende um "triplo registro": "o belo, o pensamento e o vivo", e "é neste triplo registro [...] que os corpos se movem" (LLANSOL, 1995). Se, por vezes, como nessa passagem, o termo surge como um conceito específico, em outros momentos, soa como em seu uso corriqueiro, como algo relacionado aos sentimentos e às relações geradas por esses: "Vou ser mais clara. Já todos perdemos afectos. Perdê-lo é perder uma virtualidade do universo, é perder uma parte do corpo ou parte do corpo que ficou por fazer" (LLANSOL, 1995). Num ou noutro momento, o que se evidencia é o encontro entre os corpos (encontro como algo em devir e não previamente determinado), capacidade de sair de um estado de menor potência (Llansol prefere o termo "pujança", tendo em vista outros contextos que abarcam o termo "potência"), de menor possibilidade de ação, para um outro, de maior possibilidade. É pela relação entre os corpos, através dos afetos que se adivinham e complementam, que os encontros se dão. Essa perspectiva torna possível a maneira como Llansol aborda o tempo e a história:

Se a matéria do texto é a alma humana, os afectos como lhe chamei, não se pode inscrevê-la numa temporalidade linear e ficcional, porque sendo um processo redutor de apreensão do encadeado dos anéis, o texto que emerge não vai, quer num quer noutro, além da casca de um fruto de ouro. Porque nesse encadeado, as figuragens anulam mutuamente a sua luz própria; não se conseguindo libertar da história, continuam tentadas a elucidar o seu hipotético sentido, e o leitor fica sem saber se são figuras perdidas num tempo histórico errado, se são personagens tentados por um vago místico. [...]

É preciso criar um dispositivo escrito, dispor-se decididamente a escrever texto, forçá-lo a criar uma outra temporalidade, onde as figuras humanas sejam levadas a coabitar, segundo o princípio de bondade, com as figuras da sua linhagem e com outras figuras não-humanas, numa simultaneidade temporal. Não na temporalidade da história, mas na temporalidade dos seus afectos, nas formas que revelam, nos pensamentos que sublevam, no rasto de fulgor que deixam no sentido que se interroga. Nessa relação, torna-se ridículo pensar num qualquer sentido da história e, liberto dessa

tentação, o humano deixa de se ver forçado a submeter a luminosidade alheia à sua. (LLANSOL, 1995).

O que há é a negação da ideia de comunidade como tentativa de redução a uma identidade pretensamente comum, irmanada dentro de forças que lhe são exteriores (território, partido político, religião, língua, etc.): “[...] é possível fazer da multidão uma colectividade de homens livres, em vez de um conjunto de escravos?” (DELEUZE, 1980?, p. 17). Essa pergunta de Espinosa parece ecoar no texto llansoliano. Desse modo, um sentido possível para comunidade não reside no que está fora a determinar uma reunião a partir de uma identidade comum, mas na intensidade dos próprios corpos, os afetos de que são capazes. “Aliás, quem sabe o que é um corpo?” (LLANSOL, 1994, p. 145), pergunta de Llansol a nos lembrar Espinosa: “Não sabemos o que pode um corpo” (DELEUZE, 1980?, p. 139). Nesse imprevisível dos corpos e seus afetos, mora a possibilidade do encontro, um estar em comum, mas ainda na diversidade. O que não é um paradoxo, mas uma condição.

#### Abstract:

Based on the concepts of “community” elaborated by Georges Bataille and Maurice Blanchot, this essay intends to analyze the possible meanings of the same term in the work by the Portuguese writer Maria Gabriela Llansol.

Keywords: Maria Gabriela Llansol, Maurice Blanchot, community.

#### Referências

BARRENTO, João. *A voz dos tempos e o silêncio do tempo: o projecto inacabado da História em O livro das comunidades*. Lisboa; Sintra: Grupo de Estudos Llansolianos, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *La communauté inavouable*. Paris: Minuit, 1986.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e os signos*. Porto: RÉ S Editora. [1980?].

LÉVINAS, Emmanuel. *Ensaio sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.  
LLANSOL, Maria Gabriela. Lisboa. *O Público*, n. 1.786, 28 jan. 1995. Entrevista concedida a João Mendes.

\_\_\_\_\_. *Finita*. Lisboa: Rolim, 1987.

\_\_\_\_\_. *Lisboaleipzig 1: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.

\_\_\_\_\_. *O livro das comunidades*. Lisboa: Relógio D’Água, 1999.

PELBARD, Peter. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.